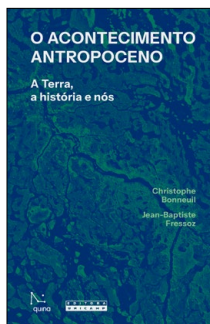


**Entre o passado e o futuro:
reflexões sobre o Antropoceno
em Bonneuil e Fressoz**
*Between past and future: reflections
on the Anthropocene in Bonneuil
and Fressoz*

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos 

Instituto Federal do Amazonas
Eirunepé, Amazonas, Brasil
(awsvasconcelos@gmail.com)



Bonneuil, C., &
Fressoz, J.-B. (2024). *O
acontecimento Antropoceno:
a terra, a história e nós*
(M. Vieira, Trad.).
Editora da Unicamp.

A leitura de “O acontecimento Antropoceno: a terra, a história e nós” não se limita à assimilação de dados científicos nem à reconstituição cronológica de processos históricos associados à crise ambiental contemporânea.

Bonneuil¹ e Fressoz² propõem uma operação intelectual mais exigente: deslocar o leitor para dentro das camadas temporais, políticas e simbólicas que estruturam aquilo que hoje se convencionou chamar de Antropoceno. Trata-se menos de identificar um novo período geológico e mais de compreender os conflitos, as decisões e as disputas que tornaram possível a configuração atual do planeta.

Desde as primeiras páginas, a obra deixa claro que não pretende oferecer uma narrativa pacificada da crise ambiental. Ao contrário, os autores partem de uma recusa explícita às leituras naturalizantes que apresentam o Antropoceno como resultado inevitável da ação humana genérica ou como simples efeito colateral do progresso técnico. A hipótese central que orienta o livro, e que sustenta sua força crítica, é a de que a transformação radical da Terra resulta de escolhas históricas situadas, tomadas por agentes sociais concretos, em contextos atravessados por relações assimétricas de poder.

Essa perspectiva desloca o eixo interpretativo dominante. Em vez de perguntar apenas ‘o que’ aconteceu com o planeta, Bonneuil e Fressoz insistem em interrogar ‘quem’ decidiu, ‘como’ decidiu e ‘em benefício de quais interesses’. O Antropoceno, nesse sentido, não aparece como destino, mas como acontecimento político, histórico e socialmente produzido. Essa mudança de foco é decisiva, pois permite reinscrever a crise ambiental no campo da

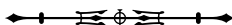
-
- ¹ Christophe Bonneuil é historiador das ciências e do meio ambiente, doutor em história pela Université Paris 7. É diretor de pesquisa em história no *Centre national de la recherche scientifique* (CNRS) e docente na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), onde leciona história das ciências e estudos ambientais. Entre suas principais obras, estão “Histoire des sciences et des savoirs” (Bonneuil & Pestre, 2015), “Une autre histoire des ‘Trente glorieuses’” (Pessis et al., 2013) e estudos sobre sementes, tecnociências e história ambiental da França.
- ² Jean-Baptiste Fressoz é historiador francês das ciências, das técnicas e do meio ambiente, com foco em história ambiental, saberes climáticos, Antropoceno e energia. É doutor em história pela EHESS e pelo Instituto Universitário Europeu de Florença. Atua como diretor de pesquisa no CNRS, ligado ao *Centre de recherches historiques* da EHESS, e professor na *École Nationale des Ponts et Chaussées*. Entre suas principais obras, estão “Introduction à l’histoire environnementale” (Fressoz et al., 2014), “Les Révoltes du ciel” (Fressoz & Locher, 2020) e “Sans transition: une nouvelle histoire de l’énergie” (Fressoz, 2024).

Vasconcelos, A. W. S. de. (2026). Entre o passado e o futuro: reflexões sobre o Antropoceno em Bonneuil e Fressoz. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 21(2), e20260001. <http://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2026-0001>

Recebido em 08/01/2026

Aprovado em 25/03/2026

Responsabilidade editorial: Cristiana Barreto



responsabilidade histórica, abrindo espaço para a crítica e para a transformação.

Um dos méritos mais evidentes da obra está na recusa ao determinismo histórico. Os autores desmontam a ideia, ainda muito difundida, de que o desenvolvimento industrial e tecnológico seguiria uma trajetória linear e inevitável, conduzindo inexoravelmente ao cenário atual. Ao reconstruírem os debates, as controvérsias e as alternativas que marcaram os séculos XIX e XX, Bonneuil e Fressoz demonstram que outras vias foram pensadas, defendidas e, em muitos casos, deliberadamente descartadas. O Antropoceno, assim, emerge como o resultado de uma história de escolhas, e também de silenciamentos.

Essa abordagem ganha densidade quando os autores analisam a história da energia. Longe de conceberem a modernidade como uma sucessão de 'transições energéticas', eles evidenciam um processo de acumulação e sobreposição de fontes. O carvão não foi substituído pelo petróleo, nem este pela energia nuclear ou pelas renováveis; ao contrário, novas fontes foram continuamente incorporadas, ampliando o consumo energético global. A constatação de que o uso de carvão atingiu níveis recordes em pleno século XXI desmonta narrativas otimistas e evidencia a persistência estrutural de modelos predatórios.

Um dos momentos mais incisivos do livro revela como categorias aparentemente neutras – como 'transição' ou 'progresso' – operam como dispositivos ideológicos que obscurecem a permanência de práticas destrutivas. Ao historicizar essas noções, Bonneuil e Fressoz expõem seus limites explicativos e seus efeitos políticos.

Outro eixo fundamental da obra reside na articulação entre escalas globais e locais. O Antropoceno, afirmam os autores, é um fenômeno planetário, mas profundamente desigual. Seus impactos não se distribuem de maneira homogênea, nem suas responsabilidades podem ser atribuídas indistintamente à humanidade como um todo. Certas regiões, grupos sociais e países concentram os benefícios do modelo industrial, enquanto outros arcam de forma desproporcional com os danos ambientais e sociais.

Essa leitura é particularmente relevante para contextos como o brasileiro. A devastação da Amazônia, a expansão do agronegócio e a exploração intensiva de recursos naturais não são desvios ocasionais, mas expressões locais de dinâmicas globais analisadas no livro. A obra fornece, assim, instrumentos conceituais para compreender a inserção periférica do Brasil no Antropoceno, evidenciando como a desigualdade social e a degradação ambiental se reforçam mutuamente.

A análise das chamadas 'técnicas do Antropoceno' aprofunda esse diagnóstico. Bonneuil e Fressoz demonstram que as tecnologias não são neutras nem inevitáveis; elas incorporam valores, prioridades e interesses específicos. Ao examinarem a transferência de tecnologias militares para o campo civil, os autores revelam como lógicas de destruição e controle foram naturalizadas em nome do desenvolvimento. Essa perspectiva reforça a tese de que a crise ambiental não pode ser tratada como um problema meramente técnico, a ser resolvido por inovações pontuais, mas exige uma revisão profunda das estruturas políticas que orientam a produção tecnológica.

Nesse ponto, a crítica ao reducionismo científico assume papel central. Os autores argumentam que a fragmentação do conhecimento, característica das formas modernas de organização científica, dificulta a compreensão da complexidade do Antropoceno. Ao isolar variáveis e compartimentar saberes, muitas abordagens acabam por obscurecer as interdependências entre processos ecológicos, econômicos e sociais. O livro, portanto, defende uma abordagem decididamente interdisciplinar, capaz de integrar história, ciência, política e economia.

Essa defesa da interdisciplinaridade não é meramente retórica. Ao longo da obra, Bonneuil e Fressoz dialogam com diferentes tradições intelectuais, estabelecendo pontes com a filosofia, a sociologia, a antropologia e a teoria política. O Antropoceno aparece, assim, não apenas como objeto de estudo, mas como problema epistemológico que desafia as fronteiras disciplinares consolidadas.

Outro aspecto digno de nota é a análise das narrativas hegemônicas sobre a crise ambiental. Os autores mostram como certas versões do Antropoceno se impuseram no debate público, frequentemente apagando conflitos, resistências e desigualdades. Ao enfatizarem a necessidade de narrativas alternativas, Bonneuil e Fressoz defendem a ampliação do campo discursivo, de modo a incluir vozes historicamente marginalizadas. Essa preocupação com a pluralidade narrativa confere à obra uma dimensão ética e política que ultrapassa a análise histórica *stricto sensu*.

No que se refere à relação entre ciência e poder, o livro oferece uma contribuição particularmente relevante. Longe de tratar a ciência como instância autônoma e neutra, os autores evidenciam sua imbricação com interesses econômicos e projetos políticos. Ao reconstruírem episódios em que o saber científico foi mobilizado para legitimar práticas predatórias, Bonneuil e Fressoz desconstróem a imagem idealizada da ciência como solução automática para a crise ambiental. Essa crítica não implica a rejeição do conhecimento científico, mas sua reinscrição em um horizonte de responsabilidade social e política.

A dimensão prospectiva da obra também merece destaque. Embora ancorado em uma análise rigorosa do passado, “O acontecimento Antropoceno” não se encerra na denúncia. Os autores insistem na necessidade de imaginar futuros alternativos, reconhecendo que o Antropoceno constitui uma nova condição planetária que exige transformações profundas nas formas de pensar e agir. Não se trata de oferecer receitas prontas, mas de abrir espaços para a experimentação coletiva e para a construção de outros imaginários.

Essa abertura ao futuro confere ao livro um caráter engajado, sem que isso comprometa sua densidade analítica. Bonneuil e Fressoz escrevem para mobilizar, não no sentido de prescrever soluções, mas de provocar deslocamentos cognitivos e éticos. A leitura da obra suscita inquietações que extrapolam o campo acadêmico, interpelando o leitor enquanto sujeito histórico implicado nos processos analisados.

Há, ainda, um aspecto humanista que atravessa todo o livro. Ao refletirem sobre o Antropoceno, os autores não perdem de vista a questão fundamental do que significa ser humano em um planeta em transformação. A crise ambiental é apresentada não apenas como fenômeno externo, mas como experiência que afeta as formas de relação consigo, com os outros e com o mundo. Nesse sentido, a obra propõe uma reflexão ética que complementa e aprofunda sua análise histórica.

Por fim, merece menção a atenção dedicada à arte e à literatura como campos fundamentais para a construção de novas sensibilidades. Ao reconhecerem o papel da imaginação estética na elaboração de narrativas alternativas sobre o planeta, Bonneuil e Fressoz ampliam o horizonte do debate, sugerindo que a resposta ao Antropoceno não será apenas científica ou política, mas também simbólica.

Em síntese, “O acontecimento Antropoceno: a terra, a história e nós” se afirma como uma obra de referência para a compreensão crítica da crise ambiental contemporânea. Ao articular passado, presente e futuro, ciência e política, análise histórica e reflexão ética, Bonneuil e Fressoz oferecem ao leitor não apenas um diagnóstico rigoroso, mas um convite exigente à responsabilidade histórica. Trata-se de um livro que não busca tranquilizar, mas despertar: um gesto intelectual que, em tempos de colapso ambiental, revela-se tão necessário quanto urgente.

REFERÊNCIAS

- Bonneuil, C., & Pestre, D. (Orgs.). (2015). *Histoire des sciences et des savoirs. Le siècle des technosciences* (Vol. 3). Éditions du Seuil.
- Fressoz, J.-B., Graber, F., Locher, F., & Quenet, G. (2014). *Introduction à l'histoire environnementale*. La Découverte.
- Fressoz, J.-B., & Locher, F. (2020). *Les révoltes du ciel: Une histoire du changement climatique (XVe–XXe siècle)*. Éditions du Seuil.
- Fressoz, J.-B. (2024). *Sans transition: Une nouvelle histoire de l'énergie*. Éditions du Seuil.
- Pessis, C., Topçu, S., & Bonneuil, C. (2013). *Une autre histoire des “Trente Glorieuses”: Modernisation, contestations et pollutions dans la France d'après-guerre*. La Découverte.

